

# Dólares começam a voltar ao país

■ Pela primeira semana desde o início da crise cambial, reservas se equilibram, apesar de vencimento de US\$ 670 milhões no exterior

Brasília - J. França

BRASÍLIA – As reuniões mantidas pela equipe econômica nos principais centros financeiros do mundo, no início do mês, já começaram a produzir efeitos práticos. Pelos números do Banco Central, as reservas internacionais do país encolheram US\$ 192 milhões nos quatro dias úteis entre 22 e 25 de março. O detalhe é que no mesmo período venceram US\$ 670 milhões em dívida externa, o que indica que, pela primeira vez desde a mudança de regime cambial, a entrada de dólares pode ter superado as saídas.

O fenômeno pode ser explicado basicamente por duas razões. A primeira pode ser a volta das linhas de financiamento de curto prazo para importadores e exportadores, decorrente das palestras do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e do ministro da Fazenda, Pedro Malan, na Europa, Ásia e Estados Unidos. A outra é o início de uma provável enxurrada de capitais externos em busca dos lucros com as taxas de juros do Brasil.

O primeiro efeito é de fácil explicação. Fraga, Malan e vários dos seus principais auxiliares conseguiram arrancar dos financiadores externos a promessa de não retirar do país cerca de US\$ 27 bilhões em empréstimos de curto prazo (com vencimentos menores do que 360 dias) que permaneciam na economia. Em troca, a cúpula da equipe econômica prometeu apresentar, já a partir de julho, melhoras seguidas na área fiscal – por exemplo, sucessivos superávits primários mensais.

**Minipacote** – Ao mesmo tempo e sem alvoroços, bem ao estilo do seu novo presidente, o BC pôs em prática uma série de medidas na área cambial – quase um minipacote de emergência para o balanço de pagamentos. Reduziu de 2% para 0,5% a alíquota do Imposto Sobre Operações Financeiras (IOF) das aplicações de investidores externos em fundos de renda fixa no Brasil; diminuiu de 360 dias para 90 dias o prazo mínimo para financiamento de importações; e cortou de 75% para 30% o percentual de depósitos compulsórios que os bancos são obrigados a fazer quando compram dívidas em dólar dos clientes.

Com a redução de IOF, um investidor externo que entrar no país passa a lucrar US\$ 1,5 a mais por cada US\$ 100 registrados no BC como Anexo IV (brecha legal para entrada do capital externo em aplicações de renda fixa). Parece pouco, mas se essa unidade de lucratividade for multiplicada pelos milhões de dólares que voaram para o Brasil, conforme mostra a variação das reservas cambiais na semana passada, o ganho é considerável.

**Pressão menor** – A mudança no prazo mínimo para financiamento de importações reduz a pressão dos importadores no fechamento dos contratos de câmbio. Com a regra anterior, muitos dos empresários não conseguiam parcelar suas compras em um ano ou mais. Então tinham que pagar à vista. Eram obrigados a fechar antecipadamente seus contratos de câmbio, fossem quais fossem as cotações do real frente ao dólar.

O mesmo raciocínio vale para a mudança nos compulsórios sobre as captações conseguidas com compra de dívidas externas pelos bancos. Aparentemente, trata-se de um mecanismo complicado. Mas não é. Uma empresa ou pessoa física tem dívida em dólar. Em vez de quitar o débito com o credor externo, paga antecipadamente a um banco, geralmente com um desconto.

Esse desconto corresponde à taxa de juros que o banco pagará na operação e, quase sempre, interessa à instituição financeira por ser menor que o praticado no mercado externo. Com um compulsório menor sobre essa captação, os bancos são encorajados a propor esse tipo de negócio ao cliente.

Embora ainda não se tenha números para medir o impacto do "minipacote cambial" do BC, a variação das reservas internacionais na semana passada já aponta que a conta de capitais do Brasil começou a reverter a tendência deficitária que a crise de credibilidade do início do ano provocou. Só falta o país começar a apresentar a melhora no resultado fiscal.

## Calendário

(Vencimentos para a próxima semana\*)

Empresa	Valor (US\$ milhões)	Data do vencimento
Sabesp	275	29 de março
Barclays e Galicia	20,19	29 de março
Const. Cowan	22	31 de março
Bradesco	20	31 de março
ABN Amro	100	31 de março
Petrobras	260	1 de abril
HSBC Bamerindus	150	2 de abril

\* Números de janeiro de 1999

Fonte: Anbid